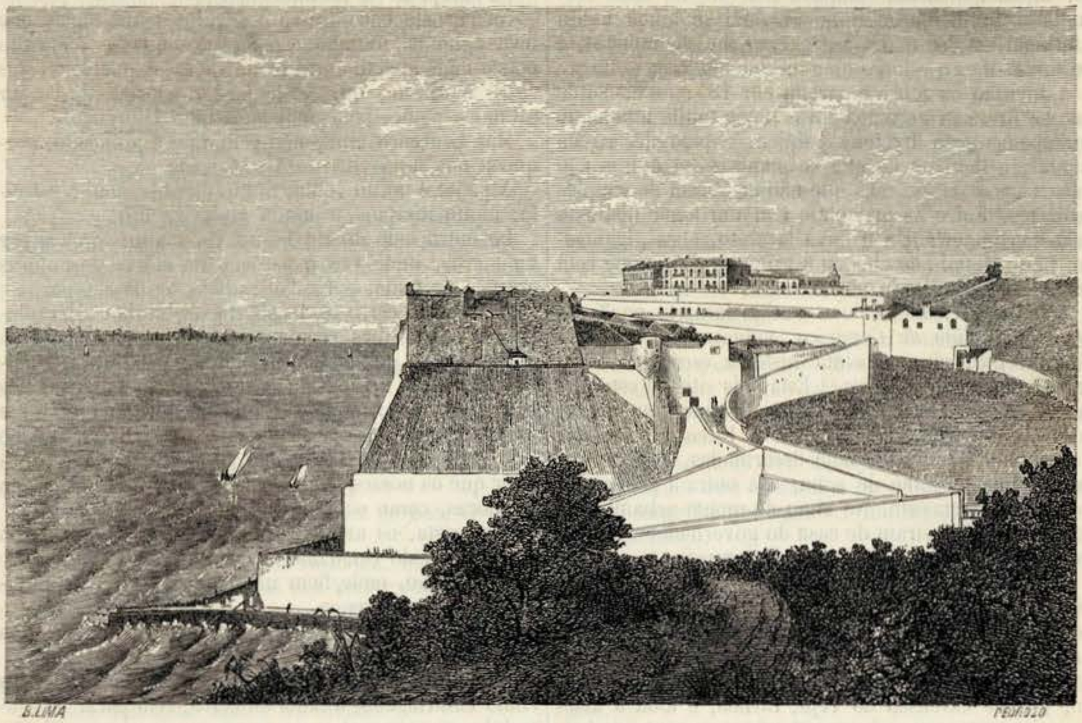


Novo lazareto da Torre Velha

Os lazaretos tem apologistas fervorosos, e adversarios decididos. Os primeiros consideram-n'os como barreiras insuperaveis contra as epidemias contagiosas, uma vez que esses edificios tenham todas as condições exigidas pela sciencia, e que os governos e seus delegados cumpram e façam cumprir todas as prescripções sanitarias. Os segundos não crêem na efficacia das medidas preventivas contra a invasão de taes flagellos. Partindo d'este principio aggridem aquelle systema como oppressivo e vexatorio, que é, para o commercio, ao qual impõe onerosos sacrificios, e sujeita muitas vezes a graves transtornos e prejuizos.

Não pretendemos entrar na discussão de tão encontradas opiniões, nem somos competentes para julgar de que lado estão a razão e a verdade. Ainda que o assumpto não fosse de sua propria natureza delicado e grave, bastava para lhe darem vulto as apprehenções populares, vivamente excitadas desde que a febre amarella fez de Lisboa, ha poucos annos, um theatro de mortes, de lagrimas e dores.

Porém o que não padece duvida, é que os paizes em que vigora aquelle systema são moralmente obrigados a ter lazaretos que offereçam aos passageiros todas as commodidades e agasalho possiveis, e até mesmo algumas diversões. É uma compensação muito pequena relativamente ao sacrificio que se impõe aos viajantes, verdadeiro sacrificio pelos transtornos que a muitos occasiona, e pela privação da liberdade que a todos vexa e afflige, embora seja limitada a um curto periodo, que a natural impaciencia, depois de uma longa viagem, faz parecer sempre grande.

E ainda além d'estas razões de justiça e de humanidade, fallam as proprias conveniencias de um paiz como este nosso, cuja prosperidade lhe ha de vir principalmente do seu commercio externo, e clamam mais alto que quaesquer outras vozes os interesses de uma cidade como é Lisboa, destinada pela sua posição geographica, e pelas suas intimas relações com a America e com a Africa, a ser uma das grandes hospedarias da Europa.

Todavia, penoso é confessal-o, até ha pouco, não havia em todas as possessões portuguezas um lazareto que merecesse este nome, não diremos já com todas as condições exigidas pela sciencia e pela civilisação, mas nem sequer que nos livrasse de uma vergonha nacional. Este porto amplissimo, capaz de conter as esquadras de todas as nações do globo, que já se viu povoado de embarcações como de arvores um denso bosque, e que ainda assim se ha de tornar a ver, esperâmol-o confiadamente, se não por effeito do nosso proprio desenvolvimento e actividade, pelo impulso dos progressos dos outros paizes, pelo engrandecimento do Brasil e civilisação da Africa, e pelo continuo incremento das relações d'estas duas riquissimas regiões, com a Europa, cuja porta natural é a foz do Tejo; este porto, apesar de todo o nosso desleixo e incuria, fadado para assumir um dia grande importancia commercial; visitado mensalmente, ha já alguns annos, por mais de dois mil passageiros, muitos d'elles vindos de paizes sujeitos todos os annos a epidemias contagiosas, tinha por lazareto um edificio velho, mesquinho, falto de todas as commodidades, mais prisão do que uma casa de detenção sanitaria.

Quando a concurrencia era maior, e o chamado lazareto não podia receber todos os hospedes, eram estes tambem repartidos por alguns cascos velhos de navios de guerra condemnados! N'este caso, que succedia a miudo, era a triste sorte dos primeiros invejada pelos segundos, que assim ficavam expostos, se o tempo corria tempestuoso, a muitas inclemencias, e até necessidades, em um ancoradoiro tão perto do Oceano.

Eram incessantes os clamores dos passageiros, e a sua indignação tomava muitas vezes proporções de

desespero. Não obstante tudo isto, e as muitas perdas que sobrevinham ao paiz pelo afastamento de grande numero de viajantes, os nossos governos persistiram por longo tempo em completa inacção, na mais vergonhosa indifferença. E quem sabe se ainda assim continuariam, se não viera excitar-lhes a attenção, e estimular-lhes o esforço uma grande desgraça publica? A invasão da febre amarella em 1857 foi causa de que se fizessem algumas obras havia muito altamente reclamadas pela hygiene publica, e pelo decoro da capital; e tambem de que se planisassem outras não menos necessarias, mas que não passaram de simples projectos. Entre as primeiras tem um logar distincto pela sua importancia o novo lazareto, obra gigantesca, para a qual não chegou a primeira somma de cem contos de réis votada pelas cortes.

Achava-se estabelecido o antigo lazareto na *Torre de S. Sebastião de Caparica*, vulgarmente chamada *Torre velha*, cuja succinta historia escrevemos em outro volume do *Archivo*. [1] Está pois situada esta fortaleza na escarpa de alto monte, na margem do sul do Tejo, em frente da *torre de S. Vicente de Belem*. As suas duas baterias, hoje desarmadas, estão collocadas, uma ao lume de agua, e a outra a pouco menos de meia encosta. No cimo do monte acham-se os edificios que serviram de casa do governador e aquartelamento de tropas, e depois de lazareto.

Detraz d'estes edificios eleva-se, a cavalleiro d'elles, um vasto plaino, desaffrontado por todos os lados. É ahi que está construido o novo lazareto, em uma situação mui saudavel, alegre, e de vistas dilatadas e formosas, descobrindo a immensidade do Oceano, grande extensão do Tejo, Lisboa, e toda a margem do norte por onde se estendem os seus arrabaldes de oeste até á serra de Cintra.

A nossa gravura, desenhada do natural pelo sr. Barbosa Lima, apenas serve para dar uma idéa aos nossos leitores da posição do edificio. As dimensões em que elle apparece na estampa não deixam ajuizar da sua grandeza, nem da sua architectura. Logo porém que estiver acabado, para o que não falta muito, procuraremos fazel-o melhor conhecido em gravura, e por meio de descripção, e então trataremos do caes e armazens, feitos ultimamente na raiz da montanha, ao longo da praia.

I. de Vilhena Barbosa.

OS EMBRIAGADOS

CONTO POPULAR DE TRUEBA

I

O pintor, antes de pintar o quadro, prepara a téla, e o mesmo farei eu, que tambem sou pintor, embora de humilde condição.

A téla em que vou pintar é um dos mais formosos valles da Biscaya.

Entre as razões que tenho para chamar-lhe formoso, ha duas mui fortes: a primeira, que é com effeito bellissimo; e a segunda, que nasci n'elle.

— E a nós, dirá o leitor, que nos importa que nascesse n'elle, ou n'outra parte do mundo?

Não lhe importa, de certo. Dizendo que nasci lá, amigo leitor, provo que sei o que digo, coisa que não succederá a todos que fallam ou escrevem.

Por meio do valle corre um rio, não muito caudaloso, porém sempre claro e fresco.

Ai castanheiros e nogueiraes, que vos reflectis nas fugitivas ondas d'aquelle rio, quem fôra, não nogueiral nem castanheiro, quem fôra sequer sobreiro, com tanto que podesse ver-se no vosso espelho!

Na ribeira do sul ha um alto, e alli está, cercada de freixos e de casas brancas, a egreja de Santa Maria, para mim, a de mais sonoros sinos, a de mais bellas imagens, e a de mais santas e doces recordações.

Da egreja ao rio ha uma encosta de duzentos passos.

Na encosta encontra-se o seguinte: um regato que leva agua ao moinho e á ferraria, que se vêem um pouco mais abaixo entre os nogueiraes; quatro ou seis casas á direita, um verde jardim á esquerda, e por ultimo a ponte, pela qual engatinha Lourenço...

Mas Lourenço ainda não vem aqui a proposito, porque a téla ainda não está preparada.

A ponte é muito velha, muito elevada, muito estreita, muito ingreme, e ainda muito segura.

Do outro lado do rio ha um cerro alto, coroado por uma cruz, onde vae o parocho da aldeia durante as orações de maio, para d'alli abençoar os campos.

A falda do cerro está coberta de azinheiros seculares, e chamo-lhes seculares porque a meu avô ouvi muitas vezes, que na sua mocidade, á sombra d'aquelles azinheiros brincavam os moços com as moças nos dias de festa ao anoitecer, e porventura quando a lua os importunava no resto do valle.

É preciosissimo este facto historico, para testimunhar que os nossos avoengos gostavam de brincar com as moças, como os libertinos de hoje!

A encosta, os azinheiros, e os calcáreos, começam da margem do rio, coberta de arbustos marinhos.

O caminho, onde bem não passa a ponte, faz torcicollos como Lourenço...

Lá fallámos outra vez em Lourenço, e ainda a téla não está preparada!

O caminho, repetimos, costeia, fazendo torcicollos como embriagado, a falda do cerro, sem parar na fontesinha que encontra na passagem, embora alli não possa dizer-se que a agua cria rãs.

Á sombra dos azinheiros, no primeiro plano da encosta, estão disseminadas tres ou quatro casas.

Rio abaixo, ha uma veiga sempre verde, e um nogueiral, entre cuja ramada se vêem, como dissémos, um moinho e uma ferraria. O negro tecto da ferraria diz aos viajantes: — «Livra-te das faiscas que saltam d'aqui a todo o instante!» — e o branco telhado do moinho parece dizer: — «Esta farinha é já de outro costal».

Rio acima, ha um estreito e tortuoso valle, em cujo fundo ruge a agua contida pela preza que, por bem ou por mal, lhe faz tomar a direcção para a ferraria e para o moinho.

Entre as casas do azinhal, ha uma que nos convem esboçar com quatro pinceladas.

Tres de suas quatro fachadas dão para uma horta, formada sobre o calcáreo, á força de subir a terra da margem do rio.

A horta tem parreira pela parte interior da cêrca, e encostadas á casa doze arvores vergando com o fructo.

Na porta da casa ha uma pequena janella, e na janella uma vide estende os seus multiplicados braços, e ao mesmo tempo os seus multiplicados cachos.

Em frente da porta, que por tal signal olha para o oriente, ha uma explanada que deve ser artificial, pois a roca em que se abriu ainda apresenta os vestigios dos barrancos, e esta explanada está sombreada por dois grandes azinheiros, que se levantam cada qual a seu lado, o da esquerda cobrindo um forno, e o da direita cobrindo uma casa em cuja porta se vê um monte de escoria, o que indica que n'aquella casa se encontra uma forja.

Temos pois preparada a téla.

Agora... pintemos.

II

Uma tarde do mez de junho, pouco antes de anoitecer, deixou Rosa o quarto em que amassava brôa, com seu pae e seus irmãos, e dirigiu-se a uma das

[1] Vid. pag. 233 e 234 do vol. v.

casas que dissemos haver ao descer da egreja para a ponte.

Pouco depois saíu fumo do lar d'aquella casa; e pouco depois saíu d'aquella casa Rosa, cantando, com um balde debaixo do braço.

Rosa cantava ao passar a ponte:

Déjame pasar, que voy
á coger la agua serena
para lavarme la cara,
que han dicho que soy morena.

E Lourenço, limpando o suor que lhe brilhava na fronte, chegou á porta da serralheria, sorriu-se ao ver Rosa, Rosa sorriu-se ao ver Lourenço, e em quanto Lourenço se preparava para fechar a officina, Rosa continuou para a fonte cantando.

Rosa applicou o balde á calha, onde corria o escasso liquido da fonte, e poz-se a fazer um feixe de verde.

Rosa era uma rapariga de vinte annos, não muito formosa, porém muito fresca, robusta, graciosa, aceiada, e principalmente com um rosto de mulher de bem, que não havia nada mais a desejar.

— Quaes são os rostos de mulher de bem?

As que o são.

Conheci em Castella uma rapariga, que quando a mãe a mandava á missa das dez horas, voltava a casa ás doze, porque estava hora e meia fallando com o noivo.

— Onde estiveste, rapariga, tanto tempo? — lhe perguntava a mãe.

— Onde havia de estar? na missa.

— Porém a missa acabou ás dez e meia, e são mais de doze.

— Ora, ora... respondia a rapariga, e o mesmo respondo eu ao leitor, quando me pergunta como se conhecem os rostos da mulher de bem.

Rosa não servia para novella; mas servia para governar bem uma casa, e tornar feliz um homem. Que mulher tão formosa!

O balde estava já cheio, quando Lourenço appareceu junto á fonte.

— Ahi vou para-te ajudar.

— Acredito que não vinhas, disse Rosa sorrindo de satisfação.

— Pouco f"vor me fazias, meu amor.

— Pelo contrario, póde ser que te fizesse muito, porque primeiro está a obrigação que a conversação.

— Pois não gostas da minha conversa?

— Muitissimo. Mas antes quero que sejas laborioso.

— Quando passaste á ponte dava a ultima martellada na peça que estava acabando, e não me ficou mais trabalho.

— Então fizeste bem em cá vir.

— Se não nos vissemos agora, só nos veriamos depois de ámanhã.

— Pois não vaes hoje á nossa casa conversar com meu pae?

— Não, porque se empenharam Menchaca e outros amigos para que fossemos jogar e beber na taverna.

— Na taverna!... Fazes mal, Lourenço, em pôr os pés em similhante sitio.

— Pois tu não vês, mulher, que se a gente se nega a estes convites, suppõem logo que não temos animo de gastar dois patacos.

— E que importa que te supponham forreta?

— Vossês, as mulheres, não entendem d'isto...

— Nós as mulheres, ainda que tenhamos menos talento que os homens, temos o necessario para lhes ensinar o bom caminho.

— Ó mulher, não te amofines, porque não beberei vinho em demasia; basta-me meio quartilho.

— Será assim. Mas quando queres beber vi ho, porque o não bebes em casa...

— Se eu tivesse familia beberia em ca: a com ella; mas como não a tenho, entristece-me passar a noite só entre quatro paredes, e por isso vou distrahir-me onde acho companhia.

— Ah Lourenço, muito desejo tenho de que césse a tua solidão.

— E eu tambem! — disse Lourenço fitando amorosamente os olhos em Rosa, que mui ruborada se apressou em responder:

— Anda, malicioso, que o digo por teu respeito, pois desejo que tenhas socego, porque os homens no que respeita ás coisas de casa não são nada sem as mulheres.

— Tens muita razão. E já que vem a proposito, quando nos casâmos?

Rosa tornou a córar e replicou baixando os olhos:

— É a ti quem cumpre dizel-o...

— Pois olha, já que o hei de dizer, digo que se teu pae quizer, no domingo se lerá nas egrejas o primeiro proclama.

— Meu pae já te deu licença.

— Ámanhã vou inteiral-o do caso, e domingo saberá o concelho que vaes ser mulher legitima do ferreiro Lourenço.

— Que vergonha! — exclamou Rosa sorrindo e córando por terceira vez.

— Não tens de que envergonhar-te! Ao canto da gaveta encontrarei alguns tostões, e com elles celebraremos bodas de principes.

— Devemos celebral-as como pobres ferreiros e nada mais.

— Qual historia! O dinheiro cunha-se para a gente o gastar, e a occasião agora é optima...

— Mas tambem sempre é boa a occasião de ter juizo.

— Deixemo-nos d'isso, e fallemos da felicidade que vamos gozar. Que gloria, minha Rosa, vivermos sempre juntos, e irmos juntos ás romarias...

— Tenho realmente pena, Lourenço, de que estejas pensando sempre nos divertimentos!

— Acaso não sou eu amigo do trabalho?

— Acredito que és, porque se não...

— O que trabalha tambem carece de recrear-se.

— Para os casados como Deus ordena não ha divertimento maior que o cuidado da casa e o amor da familia.

— Ah! ah! a familia!... Pois pensas em têl-a?

Rosa córou por quarta vez ao ver que Lourenço tomava a palavra familia no sentido vulgar, no sentido de filhos, e quiz dar ao seu noivo uma lição philologica.

— Vamos, ajuda-me a erguer o balde, que tenho que fazer a ceia para a minha *familia*, disse, pondo com uma das mãos á cabeça o feixe da herva, e segurando com a outra a aza do balde.

Lourenço auxiliou-a, e aproveitando a occasião quiz abraçar Rosa, mas esta repelliu-o, apesar de sobrecarregada com o feixe e com o balde.

— Até ámanhã, Rosa, disse Lourenço junto de sua casa, tomando o caminho opposto ao que levava á ponte.

— Adeus. Não vás á taverna, ouviste?

— Hei de ir, mas com a intenção de celebrar já o domingo em que nos apregoâmos.

— Pretextos não te faltam nunca.

— Adeus, prégadora.

— Adeus, galhofeiro.

Rosa desappareceu do outro lado da ponte, e Lourenço entrou para casa.

Sabe o leitor muito pouco de Rosa, mas póde já pensar que esta, ainda solteira, tinha a nobre gravidade e o augusto instincto que Deus anticipa ás donzellas que hão de ser boas esposas e boas mães.

III

Havia um mez que se tinham casado Rosa e Lourenço, e a presença de uma mulher arranjada transformára a casa, e quanto a esta pertencia.

Um anno antes do casamento Lourenço perdêra sua mãe, que era a sua familia unica, e desde então o governo da casa estivera a cargo de uma anciã da visinhança, que deixava todos os dias o trabalho para attender ás mais urgentes necessidades de Lourenço.

Assim que Rosa entrou na casa, tudo se animou, tudo rejuvenesceu, tudo se alegrou n'ella. O pó desappareceu do tecto, das paredes e dos moveis; o sobrado da sala tornou a luzir como se fosse envernizado; a loiça foi collocada em ordem; os talheres pozeram-se limpos e brilhantes como a prata; um formoso gato afugentava os ratos, que durante mezes passeavam livremente; um cão vigiava dia e noite no quintal, para que os ratoneiros se lhe não approximassem; e, por ultimo, uma duzia de gallinhas cacarejavam aos saborosos ovos que proporcionavam a seus donos.

A pobre vide, que se deixára pender tristemente sobre a janella, ao ver o abandono em que a conservavam, occupou de novo o logar que lhe era devido, graças ao auxilio de sua nova dona.

A herva que no jardim invadia o caminho não destinado para o seu uso, padecêra o exterminio que reclamava a sua audacia; as roseiras, os craveiros, e os demais arbustos que morriam á sede, refrescaram-se e recobraram a antiga louçania; e, finalmente, a horta, que renegava o seu nome, porque nem um punhado de salsa e coentro podia offerecer á amiga da cozinha, ia-se transformando a ponto de poder offerecer tudo quanto satisfizesse o bom appetite culinario.

E a quem se devia tudo isto? A Lourenço não, porque Lourenço passava a vida na ferraria em companhia de um aprendiz. Devia-se unicamente a Rosa, que, de pé desde que amanhecia até depois que se deitava seu marido, assim trafegava na casa como lavava no rio; cavava na horta como cevava bacorinhos e gallinhas; ia á fonte como atava um feixe de lenha na ladeira do cerro, e o trazia para casa rolando ou arrastando; aquecia o forno, amassava e cozia o pão da semana como preparava o almoço, ou o jantar, ou a ceia, cujo grato odor transcendia além rio.

A transformação tambem alcançára Lourenço, que por occasião dos dias festivos, antes da missa, conversava com os visinhos á porta da egreja, e chamava a attenção das visinhas, que, vendo-o limpo como a patena, e com a camisa alva como a neve, diziam:

— Quem dirá agora que és ferreiro?

Era um domingo depois do meio dia, e os sinos de Santa Maria chamavam á oração. Lourenço estava na janella fumando, e acariciando Valente, que este nome dera ao seu cão.

Rosa compunha a mantilha a fim de ir para a egreja.

Menchaca, que vivia n'uma das casas do azinhal, encaminhou-se para a de Lourenço, com a jaqueta aos hombros, o cigarro na boca, e enorme e nodoso cajado na mão.

Menchaca era homem de quarenta annos, de seis pés de estatura e oito arrobas de peso. A sua força era tal, que o invejaria o proprio *forte* de Ocháran, Hercules que floresceu nas Encartações pelo fim do seculo passado, e de quem se conta que, indo uma vez com ferro a uma das ferrarias do sitio, ao chegar a Valmaseda, quebrou-se-lhe o eixo do carro, e o *forte* deitou a carga ás costas, e continuou com ella até Ungo, que está duas legoas acima de Valmaseda.

Menchaca era natural de uma aldeia no interior da Biscaya, e contava vinte annos de residencia nas Encartações.

Haviam-lhe dado alli celebridade a sua força e a facilidade em esgotar meia duzia de garrafas, sem que se lhe pozessem os olhos alegres; mas a sua principal celebridade procedia de uma desgraça não mui commum: Menchaca tinha a lingua tão solta e tão perfeita como qualquer, e comtudo era quasi mudo, pela simples razão de que esquecêra a lingua nativa, que era o vasconso, e não aprendêra a castelhana, que é a que se falla, embora um pouco adulterada, nas Encartações.

Basta, porém, de traços e signaes, que não merece tantos perfis um abrutado como era Menchaca.

Advertimos que, ao reproduzir as suas palavras, temos cuidado em as polir, porque, se assim não fôra, sendo difficil reproduzir com ellas a pantomima que as acompanhava, nem o proprio demonio as entenderia.

(Continua) B. A.

PORTA DA EGREJA DO MOSTEIRO DE CHELLAS

O mosteiro de Chellas, de conegas regrantes de Santo Agostinho, e da invocação de *S. Felix e Santo Adrião*, data de mui remota antiguidade. D'elle trataremos brevemente em o capitulo do nosso roteiro de Lisboa sobre os arrabaldes da cidade, que ora publicâmos n'este jornal. D'entre várias gravuras, que hão de acompanhar essa noticia, escolhemos para ornar este numero a da porta principal do templo, anticipando assim a sua publicação.

Como acontece a quasi todos os nossos monumentos antigos, o mosteiro de Chellas apresenta diversos estilos de architectura, sem ligação, ou qualquer especie de transição, que fizesse menos sensivel e desagradavel aquella mistura.

A porta da egreja não precisa de letreiro que indique o tempo em que foi fabricada, pois que pertence a uma epocha que creou entre nós um estilo de architectura propriamente seu. Na sua fórma e ornamentação, esbeltas e engraçadas, mas caprichosas, em que o artista exhibiu um specimen d'essa alliança phantasiosa dos estilos arabe, gothico, e classico, ou do renascimento das artes, tão differentes entre si, estão bem distinctas as feições caracteristicas do estilo gothico-florido, ou manuelino, que constituiu a architectura portugueza desde os fins do seculo XV até ao meiado do seculo XVI. O architecto imitou o gosto arabe na volta inferior do arco. Nas decorações superiores seguiu o estilo gothico. As quatro columnas, e os florões que medeiam entre estas e a volta dos dois arcos, foi buscal-os á architectura classica, que então começava a renascer, e que em breve supplantou a arte gothica.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

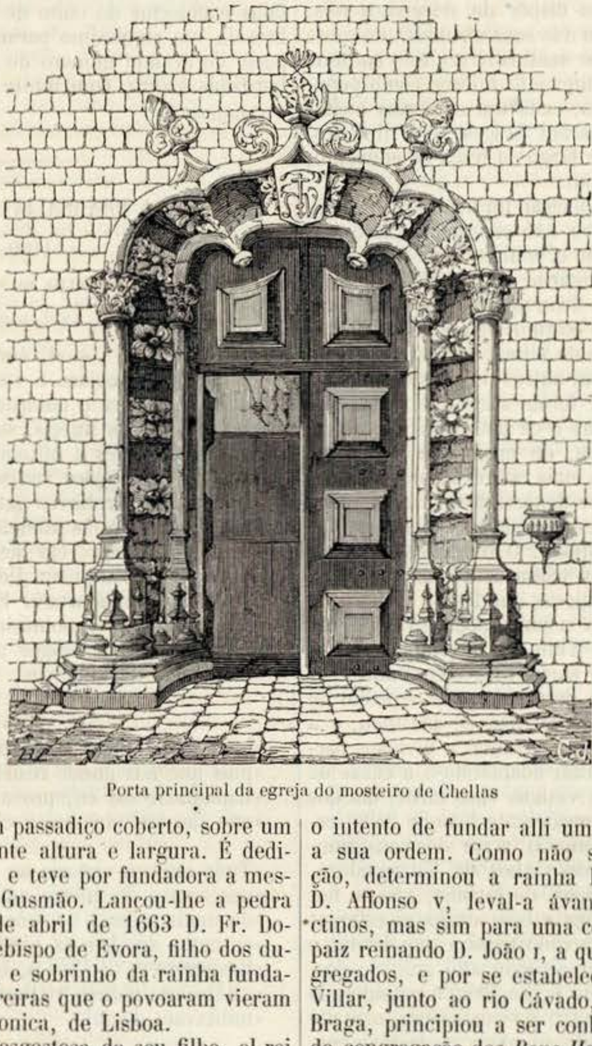
(Vid. pag. 201)

Ao edificio da *Fabrica do Tabaco* segue-se, a poucos passos, o palacio e quinta dos marquezes de Olhão, descendentes de D. Francisco de Mello, um dos quarenta conjurados, que no dia 1 de dezembro de 1640 derrubaram o governo de Castella, e acclamaram a D. João IV. Actualmente pertence este palacio ao sr. D. José da Cunha Mendonça e Menezes, filho e herdeiro do ultimo marquez.

O lado opposto da estrada é guarnecido por um renque de arvores, e pelo muro que a separa do Tejo, e que vae acabar em um desembarcadoiro contiguo ao palacio, que foi de outro heroe d'aquella grande empreza, D. Gastão Coutinho da Camara. Tem uma

ermida consagrada a Nossa Senhora do Rosario, e edificada por este mesmo fidalgo no anno de 1644, em cumprimento de um voto feito por occasião da tomada de Cascaes pelos castelhanos. Este palacio ao presente é propriedade do sr. conde da Taipa, descendente e representante de D. Gastão.

Perto d'este palacio está o sitio do *Grillo*, povoado de casas e dois conventos. O primeiro d'estes perteenceu aos eremitas descalços de Santo Agostinho, com a invocação de *Nossa Senhora da Conceição do monte Olivete*. Foi fundado pela rainha D. Luiza de Gusmão, sendo viuva del-rei D. João IV, e regente do reino. Seu filho, el-rei D. Affonso VI, lançou a primeira pedra nos alicerces do templo com grande acompanhamento e solemnidade no dia 15 de maio de 1666. Ateando-se um violento incendio n'este edificio no dia 23 de outubro de 1683, em menos de duas horas destruiu toda a egreja e a maior parte do convento. Porém, passado pouco tempo, estavam completamente reconstruidos. Pela extincção das ordens religiosas foi transferida para este templo a parochia de S. Bartholomeu, como adiante diremos, a qual ainda alli se conserva. Mais tarde foi o edificio do convento reparado, mudando-se para alli o *recolhimento de Nossa Senhora do Amparo*, que estava na Mouraria, e fôra instituido por el-rei D. João IV em 1644 para servir de asylo ás filhas dos militares e magistrados pobres.



Porta principal da egreja do mosteiro de Chellas

O segundo convento é de religiosas da mesma ordem e reforma de Santo Agostinho. Está situado do lado do sul da estrada, communicando-se com a cêrca, que fica do lado do norte, por um passadiço coberto, sobre um arco de pedra de bastante altura e largura. É dedicado a Santo Agostinho, e teve por fundadora a mesma rainha D. Luiza de Gusmão. Lançou-lhe a pedra fundamental no dia 2 de abril de 1663 D. Fr. Domingos de Gusmão, arcebispo de Evora, filho dos duques de Medina Sidonia, e sobrinho da rainha fundadora. As primeiras seis freiras que o povoaram vieram do convento de Santa Monica, de Lisboa.

A rainha D. Luiza, desgostosa de seu filho, el-rei D. Affonso VI, depois de lhe entregar as redeas do governo, que mantivera com muita prudencia e firmeza durante a sua menoridade, e em circunstancias graves e difficeis, recolheu-se a este convento, estando ainda por acabar, e n'elle falleceu pouco tempo depois. O seu mausoleo ergue-se no coro. É de marmore primorosamente lavrado.

Segue-se ao Grillo o sitio do *Beato Antonio*, que conta setenta e tantos fogos, com perto de trezentas almas. Em parte as casas debruam a estrada, e na outra parte sobem por uma encosta do lado do norte.

Tem aqui os srs. duques de Lafões a sua principal residencia. O palacio foi começado na segunda metade do seculo XVIII pelo duque de Lafões D. João de Bragança, filho do principe D. Miguel, que era filho legitimado del-rei D. Pedro II. Este palacio, que apenas tem acabada a frente para o jardim, encerra uma bella galeria de pintura, em que se admiram varios quadros de alguns dos mais distinctos mestres das diversas escholas. Foi colligida esta galeria pelo duque D. João de Bragança, o illustre instituidor da academia real das sciencias de Lisboa. Este principe, notavel pela cultura do seu espirito, pela gentileza do seu corpo, e pela graça e delicadeza de suas maneiras, foi o portuguez que mais viajou, principalmente pela Europa, em todo o curso do seculo passado. A ermida d'este palacio é intitulada de *Nossa Senhora da Piedade*. N'ella tem sido baptisados com grande solemnidade os duques de Lafões e todos os seus filhos, sendo conduzidos á pia baptismal pelos nossos soberanos, desde el-rei D. João V, que estabeleceu essa prática. A quinta d'este palacio contém bonitos jardins, e extensas ruas de bosque assombradas por mui copado arvoredo. O caminho de ferro corta esta quinta quasi na sua extremidade do norte.

Adiante d'esta residencia, sobre a estrada e junto do Tejo, acha-se a fabrica de sabão e sabonetes, e de clarificação de azeite, pertencente aos srs. Larbeck & C.ª, e muito acreditada pela perfeição dos seus productos.

Quasi defronte começa a alameda que conduz á *egreja do Beato Antonio*. No logar em que vemos a egreja existiu em tempos muito antigos uma ermida de S. Bento, o primeiro templo que houve em Lisboa e seus arredores dedicado a este santo. Edificou-a D. Estevão de Aguiar, sendo dom abbade de Alcobaça, com o intento de fundar alli um collegio ou hospicio para a sua ordem. Como não se effeituasse esta fundação, determinou a rainha D. Isabel, mulher del-rei D. Affonso V, leval-a ávante, não para os benedictinos, mas sim para uma congregação introduzida no paiz reinando D. João I, a qual pelas virtudes dos congregados, e por se estabelecer em um sitio chamado Villar, junto ao rio Cávado, duas legoas ao norte de Braga, principiou a ser conhecida do povo pelo titulo de congregação dos *Bons Homens de Villar*. Ao diante tomou o logar o nome de *Villar dos Frades*. Morreu aquella desditosa rainha em 1445, antes de poder cumprir este seu desejo. Os desgostos causados pela discordia que rebentou entre seu esposo e seu pae, e a dor que a opprimiu pela tragica morte do ultimo, cortaram-lhe o fio da vida na florente edade de 23 annos. Porém no seu testamento deixou oito mil coroas de oiro para aquella fundação, determinando que o novo convento fosse cabeça da ordem. D. Affonso V apressou-se a dar execução ás ultimas vontades de sua virtuosa esposa, obtendo do dom abbade de Alcobaça a ermida de S. Bento, e construindo em seu logar um convento e egreja, que entregou aos *Bons Homens de Villar*. E, além d'isso, em memoria da particular devoção que a rainha D. Isabel consagrava ao discipulo

bem amado de Jesus Christo, alcançou do papa Pio II, por breve de 1461, que aquelles religiosos se intitulassem *conegos seculares de S. João Evangelista*. Em homenagem, porém, ao padroeiro da ermida, deu-se á nova egreja a invocação de *S. Bento de Enxobregas* (Xabregas).

A fabrica do convento e egreja, sendo appropriada a uma ordem que vivia vida pobre e humilde, ficou apertada e mesquinha; pelo que, ainda bem não era passado seculo e meio, já estava precisada de reconstrucção completa. Porém, por mais que a congregação reconhecesse esta necessidade, e anhelasse por dar principio á obra, não se atrevia porque lhe faltavam absolutamente os meios. Foi n'estas circunstancias que o padre Antonio da Conceição, simples conego, sem cargo algum na ordem, metteu hombros á empreza, podendo apenas dispôr de setecentos réis. Mas tão grande era a fama das suas virtudes, em tanta estima, e em tal conta de santidade era tido em toda a Lisboa, que muita gente, tanto nobres como populares, correram a ajudal-o, cada um conforme podia. D'est'arte nunca lhe faltaram braços nem dinheiro, apesar de ter cortado por largo na traça do convento, e ainda mais na da egreja.

O padre Antonio da Conceição foi beatificado no seculo passado, mas o povo não esperou pelas bullas de Roma para lhe conferir o epitheto de *beato*, e assim começou logo a chamar-se ao templo e ao sitio Beato Antonio, nome que ficou popular, e ainda dura.

Passaram os tempos de costumes singelos, e de frugalidade; os Bons Homens de Villar, ennobrecidos com o titulo de conegos, e com outras regalias concedidas pelos summos pontifices, foram adquirindo bens por legados de pessoas devotas e os padroados de muitas egrejas, que apresentavam, de modo que veiu a ser uma das ordens religiosas mais nobres e mais ricas do paiz. O seu prelado maior denominava-se dom reitor geral, e gozava de honras episcopaes. S. Bento de Xabregas era a cabeça da ordem. O rendimento annual d'este convento excedia a trinta contos ao tempo da extincção das ordens religiosas em 1834.

Achando-se o convento n'essa epocha a servir de hospital militar, ateou-se n'elle um incendio, que lhe devorou a maior e melhor parte. Esteve em ruinas por alguns annos. Depois foi destinado para deposito de monumentos historicos, o que não se effeituou, e a final foi dividido em lotes, e vendido a diversos particulares, que o reedificaram adaptando-o a casas de habitação, e armazens de vinhos. Mais tarde, um dos arrematantes, o fallecido negociante João de Brito, estabeleceu na parte que comprou, a par dos seus grandes armazens de retem de vinhos da Estremadura, uma grande fabrica a vapor, de farinha, pão, e bolaxa. Graças á perseverança e bem dirigidos esforços d'este nosso esclarecido e industrioso compatriota, o seu estabelecimento fabril attingiu alto grão de desenvolvimento, de sorte que hoje não só é considerado como o primeiro de Portugal, no seu genero, mas até alguns dos seus productos sustentam vantajosamente em varios mercados a concurrencia da industria estrangeira.

Duas coisas havia n'este convento dignas de menção: a *livraria*, que contava os seus dez mil volumes, pela grandeza e alegria da casa; e a *escada* conventual pela sua belleza e magnificencia. Construida de marmore branco e côr de rosa, era guarnecida de balaustradas com estatuas.

A egreja do Beato Antonio foi infelizmente profanada e despojada das alfaias e obras de arte que a decoravam. A parochia de S. Bartholomeu que desde o terremoto de 1755, que lhe destruiu a sua egreja junto dos muros do castello de S. Jorge, se achava erecta na do Beato Antonio, templo grande, de excellente construcção, e de nobre frontaria, e bem decorado interiormente, e além de tudo isto monumento historico, foi transferida para a egreja do extincto convento de *Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete*, pequena, pobre de arte e de memorias. [1] Foi um verdadeiro vandalismo.

A gravura que publicámos a pag. 201 mostra a fachada do templo. O grande arco com gradaria de ferro dava entrada para o vestibulo. A capella-mór, fundada por D. Joanna de Noronha, filha dos antigos condes de Linhares, é toda de marmore. Aos lados viam-se mettidos debaixo de arcos os tumulos de alguns d'estes fidalgos, sustentados por elephantes de marmore cinzento, os quaes presentemente estão dispersos! As paredes do cruzeiro e corpo da egreja, hoje nuas, eram adornadas com paineis guarnecidos de molduras de primorosa obra de talha doirada. Possuia muitas alfaias e objectos do culto de valor, entre os quaes sobresaía um riquissimo paramento de pontifical, composto de grande numero de peças de lhama de prata bordadas a oiro, com muita arte e delicadeza.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A PHARSALIA DE LUCANO

LIVRO VII

BATALHA DA PHARSALIA

(Vid. pag. 206)

—«É vindo — exclama —
«o dia que almejára o vosso esforço,
«da civil guerra o cubiçado termo.
«Quantas forças haveis, sommae-m'as todas,
«que é das lides a ultima. N'um'hora
«a sorte das nações vae ser fixada.
«Quem deseja rehaver patria, penates,
«filhos, mulher, as affeições antigas,
«á espada o peça; em meio d'este campo
«nos poz tudo isso um Deus. A causa santa
«conta co'os immortaes. Encargo é d'elles
«que não erreis a pontaria em Cesar,
«e de Cesar co'o sangue as leis romanas
«se firmem de uma vez.

«O imperio, o mundo,
«bem se vê que a meu sogro o não fadaram,
«pois que aos annos resisto, e ancião pelejo.
«Capitanear-vos eu, prova que adversos
«não são aos povos e á cidade os Numes.

«Tudo augura victoria ao nosso campo:
«nos azares da guerra andam comnosco
«de motu proprio os próceres; contâmos
«os netos dos heroes n'estas fileiras.
«Resurgissem os Curios, os Camillos,
«os Decios, nobres victimas da patria,
«militavam d'aqui.

«Nações em peso,
«e cidades sem conto, arrebanhadas
«desde o berço da aurora, a nós se aggregam.
«Viu-se exercito egual? Todo o orbe é nosso.
«Todo; os signos do ceo do Noto ao Bóreas
«não vem um só inerme. Este mar d'homens
«sobra para afogar circunfundindo-se
«o bando que lá surge. A anniquilal-o
«sobejam poucas mãos. As mais das hostes
«cifrarão na alarida o seu combate.
«Não basta Cesar todo a tantos ferros.

«Não credes ver as mães no alto dos muros
«da patria Roma, para vós pendidas,

[1] Vid. pag. 358 do vol. v.

«a coma esparsa ao vento, a afervorar-vos
«para a lucta suprema? a curia annosa,
«a quem faltou vigor para seguir-vos,
«rojar aos vossos pés as cãs sagradas?
«e a grão cidade mesma ao vosso encontro
«correr, d'um jugo infame espavorida?
«Sim! o povo actual e o porvindoiro,
«todos á uma o vosso amparo exoram:
«um quer livre morrer, quer livre o outro
«desabrochar á luz.

«Se após taes prendas
«algo vale Pompeo, co'a esposa e filhos,
«a não m'o obstar do cargo a magestade,
«súpplice me prostrára ás vossas plantas.

«Se não venceis... banido, escarneo ao sogro,
«deshonra para vós, nada me resta
«mais que implorar a morte. Annos d'infamia
«em remate da gloria... entrar já velho
«na eschola do servir... não cabe áquelle
«que vós e o mundo intitulastes *Grande!*»

N'estas do general sentidas vozes,
incendeiam-se os animos, recresce
o romano valor. Todos, se ha causa
para tanto agoirar, morrer protestam.

Fervendo em furia egual as hostes ambas
ao mesmo tempo unanimes se buscam.
O horror da escravidão, do imperio a séde,
ardem de cá, de lá.

O horrendo vacuo
que estas mãos vão abrir na humanidade,
não tem jámais de encher-se; embora venham
depois da guerra atroz perpetuas pazes.
Esmaga este conflicto infindas gentes
por nascer. Mata em germe os que deviam
povos encher o mundo; e virá tempo
que por fabula vã se tenha o Lacio.
De Gabios, Veios, Cora, aos viandantes
só se amostram ruinas soterradas.
Lares de Alba, penates de Laurento,
mais não são que uma gandara escalvada,
onde só móra na prescripta noite,
a seu mau grado a Curia, e murmurando
que a lei de Numa áquelle rito a force.
Não foi o tempo, oh! não, soberbas obras,
quem vos assim desfez! Cidades ermas,
só das luctas civis heis de queixar-vos!

A que o genero humano é reduzido!:
As gerações que desde então viemos,
podendo inçar os campos e as cidades,
cabemos todas n'uma. Os chãos da Hesperia
lavra-os colono escravo. Os tectos podres
de nossos bisavós vão desabando
sem esmagar ninguem. Roma, sem filhos,
da escoria das nações é povoada.
Pozemol-a a poder de morticinios
em tanta consumpção, que annos tão largos
inda a guerras civis lhe não dão forças.
Oh! mal haja Pharsalia! Ante os seus luctos
que monta Cannas de feral memoria?
que foi Allia, essa macula indelevel
dos fastos nacionaes? Os nomes de ambas
assignalou-os Roma entre os agoiros,
e eram nada a par d'este; o de Pharsalia
quiz que fosse votado a eterno olvido.
Tristes fados! As pestes, os contagios,
fomes doidas, cidades abrazadas,
vastas assolações de terremotos,
tudo resarciria a somma enorme
dos que alli vindos do univesso mundo
morreram morte misera. A fortuna
(em mal!) assim o quiz. Dons que de tanto
andára a accumular, arrebatou-os
todos n'uma só hora, alardeando-os
ante os olhos de principes e povos
congregados alli, só porque, oh Roma,
quanto eras grande em teu cair mostrasses!

Eras Senhora largamente no orbe;
suppunhal-o ventura; e essa ventura
te apressava a ruina. Eram-te os annos
contados pelo numero das guerras,
e as guerras pelo accrescimo das gentes
submissas a teu jugo. O sol te víra
crescer para os dois polos. Curto espaço
só te faltava do paiz Eóo,
para chamares teu a quanto abrangem
sob o ether estellante a luz e a noite.
É obra de tantos seculos, desfal-a
esta Emathia jornada! este cruento
cataclismo em Pharsalia afoita os Indos
contra os fasces do Lacio. Agora um consul
já não póde ir tolher que errantes Daas
sáiam dos muros seus; nem regaçando-se
porá co'a relha a Sarmatas encerro.
Perpetuamente impune a Parthia fica.
A liberdade, que as fataes discordias,
para não mais voltar, de nós baniram,
além do Tigre e Rheno achou refugio.
Farta de nós, que em sangue a procurámos,
votou nunca tornar; agora adita
mansa e contente a Scythas e Germanos;
nem já lhe Ausonia lembra. Ai, liberdade!
quem te não conhecêra em nossas terras!
quem dera que este povo, desde a hora
em que os abutres revoando á esquerda
auspicaram a Romulo a cidade,
prestes repleta de seu torpe asylo,
tivera sido escravo até Pharsalia!

Mal hajaes ambos vós, heroicos Brutos,
proscriptores de Reis! Que prol colhemos
de haver a lei regido, e se marcarem
os annos pelos consules?

Ditosas
a Arabia, a Média, as terras do Levante,
de eterno despotismo avassalladas!
D'entre os povos sujeitos a senhores,
somos nós o miserrimo: servimos
córando de servir. E crê-se em Numes!...
A la fé que os não ha para os romanos.
Quem os evos arrasta é cego acaso.
Reinar Jove! é mentira. Insania é crerdes
que tendo o raio em punho observaria
tranquillo do seu throno o horror Pharsalio.
Grão justiceiro! fulminar os cerros
de Pholoe, do Eta, os innocentes bosques
do Rhodope, e os pinheiros do Mimante...
e Cassio embora que fulmine a Cesar!
A mesa de Thyeste, aos muros de Argos,
mandou subita noite; e noite subita
não cae sobre Pharsalia, onde flammejam
de paes e irmãos em punho as mesmas armas!
Não, não ha Deus algum que de homens cure.

Mas d'esta perdição, quanto é possivel
dos ceos vingar-se a terra, alta vingança
algum dia ha de vir. Das civis guerras
ver-se-hão Numes brotar, rivaes dos Numes!
A manes dará Roma, e raio, e c'roas
radiadas, estelligeras; e aos templos
irá jurar por esses vãos phantasmas.

Já finalmente as hostes inimigas
devoraram correndo o espaço curto
sobre que impende a campo e campo a morte.
Só medeia orla escassa. Os adversarios
reconhecem-se já; já vão co'os olhos
elegendo nos rostos dos fronteiros
onde o pilo apontar, notando os braços
que mais urge temer. De animo feito
a monstruosas facções, co'os paes defrontam,
vêem irmãos ante si, sem que lhes lembre
procurar outro posto. Lavra em todos
entretanto um torpor, um frio occulto,
que lhes congela o sangue; oh natureza!
quem póde anniquilar teus jus, teus foros!

Já co'os pilos em riste, e os braços tensos,
viram-se alli deterem-se cohortes,
desde o primeiro aos ultimos soldados,
quaes estatuas de bronze, torvas, quêdas.

Dêm-te os Numes, não morte (essa é de todos)
mas ser morto e sentir, a ti que a lança
alli primeiro, ó Crastino, vibraste,
e rompendo a batalha, ao chão dos Thessalos
do sangue de Romãos déste as primicias.
Oh! furioso, oh! damnado!: quando Cesar
seu ferro inda contém, já tu... De subito
restrugem o ar clarins, e audazes tubas,
rebates de investir. A grita horrisona
que então se ergue instantanea, abala o ether,
chega aos cabeços ultimos do Olympo,
onde as nuvens não vão, nem quando troa
vae echo do troar. De lá resurte
para as valleiras resonas do Hemo;
pelos antros do Pelion se duplica;
rumoreja no Pindo; agita as penhas
do Pangeu; vae gemer nas rochas do Eta;
e os proprios cuja furia alçou tal grita,
sentindo-a resurtir da terra toda,
no intimo coração se apavoraram.

Fervem os tiros, na intenção discordes,
que ancia d'uns é ferir, e é voto d'outros
que o dardo ao chão só crave, e os deixe puros;
mas o acaso é n'aquelle torvelino
o que dirige tudo: a sorte cega
faz reos aos que lhe apraz.

São nada as mortes
que vem de longe em voadores ferros.
A espada, só a espada aos civis odios
póde satisfazer: que a espada leva
romana mão a visceras romanas.

Mas de Pompeo o exercito, cerrado
hombro por hombro, escudo por escudo,
é qual ferrea muralha; em mó tão densa
'té mingua espaço ao menear das armas;
se as movessem, feriram-se a si proprios;
tanto o massiço dos immoveis cuneos!

Tão solemne firmeza aos cesarinos
não reporta porém: furor, insania,
lá os trazem voando a accommettel-a;
hão de romper por armas e inimigos;
as lorigas de aceiro embalde os cobrem:
malhas e entranhas de uma vez são rotas;
cada golpe é supremo.

Oh que batalha!
que um exercito a dá, aguenta-a outro!
N'este, as espadas frigidas, inertes,
pendem, sem mancha, á cinta; em mãos d'aquelles,
sacrilegas de sangue escorrem, fumam.
Fortuna, bem que a sorte do universo
aqui se jogue toda, irresoluta
vagar não quiz; os fados, qual torrente,
a espantosa ruina acceleraram.

(Continua) JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

61.º

PERGUNTA

Com quanto seja hoje mui vulgar escrever-se, por exemplo: *Conheço F. de ha muito. De ha muito que o sei;* parece-me que é erro grammatical pôr a preposição *de* antes do verbo *ha*.

Será?

RESPOSTA

É.

Nas phrases apontadas para exemplo, supprime-se, por ellipse, a palavra *tempo*, que se subentende facilmente. É como se dissessemos: *Conheço F. ha muito tempo. Ha muito tempo que o sei.*

Logo é solecismo juntar ao verbo *ha* a preposição *de*, que não presta ás phrases citadas nenhum dos muitos valores que esta particula tem na lingua portugueza.

SILVA TULLIO.

METAPHORAS OU FEIRA DE ANEXINS

(Vid. pag. 160)

VI

EM METAPHORA DE ORELHA

— N'esta metaphora de orelha tem muita parte os equivoquistas, porque para dizer devem tratar de ouvir, e quem maior orelha tem caber-lhe-ha mais.

— Antes aos de grande orelha lhes entra isso por um ouvido e lhes sae pelo outro, que se elles souberam dar ouvidos ao que os mais discretos dizem, e aprender d'elles, não abanariam as orelhas a quanto ouvem.

— De eu não ter dado orelhas ao que tenho ouvido, torço a orelha e não me deita sangue; que se eu soubera que me havia de chegar até ás orelhas o presente empenho em que estou, eu arrebitaria as orelhas a repentes e a chistes, que por brincos podiam trazer-se nas orelhas.

— Isso que importa? Homem, diga vossê equivocos, mas que venham pelas orelhas, que esse é o empenho dos equivocantes da moda.

— Esses merecem quatro orelhadas.

— A isso fazem elles orelhas de mercador.

— Affirmo-lhe, que a poder que eu possa, nenhum me ha de fazer ninho atraz da orelha, que em eu lhe ouvindo despropositos, mas que me arranquem as orelhas, hei de cair-lhes.

— Eu não quero dizer mal, que as paredes tem ouvidos.

— Que tem vossê com elles?

— Eu cortarei as orelhas se elles desconfiarem que anexiristas tem orelhas de abbade, e não fazem caso de que os satyrisem.

— São animaes de orelha, como o burro de Balaam, que a quanto lhes dizem abaixam as orelhas, se não é que fallam pela boca alheia, sem ser pela do anjo.

— Eu o que digo é que sendo por curiosidade grande ouvidor de chistes, em me tocando na orelha que são heregistas, já lhes não dou audiencia.

— Ora ainda assim hão de ser ouvidos, ou hão de se ouvir as partes; elles tem razão de se metterem a falladores, que quem não falla não o ouve Deus.